

2º Módulo do Seminário Nacional sobre Sistematização

Brasília, 25 a 29 de abril de 2011

Relatório síntese

Relatório elaborado a partir dos registros feitos por Eliandra Marques, Rosana Kirsch e Tatiana Castilla

Todos juntos somos fortes, não há nada a temer.

Apresentação

O 2º Módulo do Seminário Nacional sobre Sistematização contou com a participação de 36 educadoras-es das cinco regiões do país e foi realizado no Centro Cultural Missionário (CCM), em Brasília.

Considerando a continuidade do trabalho realizado no primeiro módulo, ocorrido em outubro de 2010, buscou-se o retorno do grupo presente naquele momento. Por outro lado, a participação de educadores-as de estados que não estiveram em outubro garantiu a ampliação de participantes e a renovação de 60% da turma.

A preparação do seminário foi antecedida de atividades dos CFES Regionais, como reuniões de Conselho Gestor e seminários, nas quais o tema sistematização esteve na pauta. As reuniões do Conselho Gestor do Projeto CFES e do Comitê Metodológico do CFES Nacional orientaram a proposta de programação para este 2º Módulo. O processo de construção desta atividade e sua realização contou com a assessoria de Domenico Corcione, que contribuiu na provocação do debate e elaboração de referenciais comuns dentre as práticas diversas de sistematização de experiências da economia solidária.

O presente relatório apresenta a síntese diária do trabalho realizado durante o Seminário, tendo como anexos as apresentações feitas durante a atividade, textos de subsídio e o documento resultante do Seminário: **Sistematização de experiências da economia solidária: referenciais comuns, práticas diversas** (Anexo C). O coletivo do seminário e a assessoria proporcionaram vários momentos de dinâmicas e mística, no entanto os registros escritos da atividade trouxeram poucos elementos para serem apresentados neste documento.

Objetivos do 2º Módulo do Seminário Nacional sobre Sistematização

Geral: Consolidar uma proposta político-metodológica de sistematização para as experiências de formação em economia solidária, considerando o acúmulo de cursos e seminários realizados e as peculiaridades do público com o qual se trabalha.

Específicos:

- Socializar e intercambiar o processo de aprendizagem dos CFES na sistematização de experiências.

Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

- Vivenciar e aprimorar o uso de métodos e instrumentos de sistematização de experiências.
- Construir uma compreensão comum acerca dos aspectos que devam ser considerados constitutivos da sistematização de experiências.
- Elaborar orientações político-metodológicas unitárias, para aprimorar os processos de sistematização de experiências.

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Fórum Brasileiro
de Economia Solidária



CÁRITAS
BRASILEIRA

Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAIS RICO E PAIS SEM POBREZA

Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional

Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira



Sumário

Tempos de Mudança.....	4
Dia 25 de abril.....	5
Acolhida.....	5
Gestão do seminário.....	6
Análise de conjuntura.....	6
Dia 26 de abril.....	7
Socialização e intercambio da aprendizagem do CFES.....	7
Dia 27 de abril.....	10
Vivência e aprimoramento do uso de instrumentos de apoio à sistematização.....	10
Dia 28 de Abril.....	15
Projeção de compreensões e orientações comuns.....	15
Socialização dos grupos e construção dos referenciais comuns.....	15
Conceito de sistematização.....	15
Motivações, referenciais e objetos.....	15
Processo metodológico.....	16
Produto final e comunicação da experiência.....	17
29 de abril.....	18
Rede de Educadoras-es da Economia Solidária.....	19
Significados da Rede de Educadoras-es da Economia Solidária.....	22
Organização dos coletivos.....	22
Relação dos coletivos com os Fóruns de Economia Solidária e outros movimentos populares.....	22
Sustentabilidade.....	23
Comunicação.....	24
Informes.....	25
Avaliação final.....	26
Encerramento.....	27
Anexos.....	28
Anexo A - Programação.....	28
Anexo B – Lista de participantes.....	30
Anexo C - Texto: Sistematização de experiências da economia solidária: referenciais comuns, práticas diversas.....	31
Anexo D – Síntese do I Módulo do Seminário Nacional sobre Sistematização.....	38
Anexos E a I – Apresentações dos CFES Regionais sobre percurso no tema Sistematização.....	38
Anexo J – Mapa mental sobre o percurso dos CFES Regionais.....	39
Anexo K – Texto de Domenico Corcione sobre ferramentas de apoio à sistematização.....	39
Anexo L – Diagnóstico Rápido Participativo - Guia Prático.....	49
Anexo M – Conceitos de sistematização: subsídio para trabalho em grupo.....	49
Anexo N – Mapa de ideias sobre Motivações, referenciais e objetos da sistematização em economia solidária.....	50
Anexo O – Texto Orientações para a construção da Rede de Educadores-as em Economia Solidária – NE.....	50

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF

Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de Economia Solidária

Ministério do Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional

Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira



Tempos de Mudança

Fundir os cacos da alma
Voltar a regar o jardim da mente
Trocar o tapete do sorriso
Aguçar o faro coletivo da gente

Antecipar o futuro através da poesia
Embelezar a vida através do mistério
Reviver o passado através da música
Externar a essência através do silêncio

Captar a sintonia fina da natureza
Fazer as pazes com a sensibilidade
Dialogar sem hipocrisia e estreiteza
Combater os focos de desumanidade

Substituir os jogos em vez das regras
Surpreender alguém com elogios inesperados
Se permitir um pouco tatear às cegas
Emancipar sentimentos outrora racionalizados

Desfazer as teias do negativismo
Inovar as tradições do romantismo
Rasgar a bíblia suicida do consumismo
Driblar os tentáculos do sensacionalismo

Valorizar a dignidade da mão suada
Mudar aquela foto mofada e sem graça
Inaugurar a roupa que estava relegada
Vencer o medo traiçoeiro que te ameaça

Mudar os caminhos para salvar os destinos
Reencarnar a lucidez de desencarnar ilusões
Reaprender a perdoar os próprios desatinos
Democratizar a luz que brilha nas escuridões

(Por Pablo Robles - Poeta do Social)

Trazida por Bel - Ceará

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional

Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira



Dia 25 de abril

Acolhida

A acolhida das/os participantes se deu em dois momentos:

- Crachás: com os crachás preenchidos e espalhados sobre um pano colorido, cada pessoa pega um crachá e procura a respectiva pessoa cujo nome está no crachá pegado, ao encontrar, apresentam-se.
- Dinâmica das cores: em círculo, sentados/as, cada um/a escolhe vai até o centro, escolhe uma cor de fita, corta dois pedaços e apresenta-se: nome, organização, estado, se já participou do módulo 1. Um pedaço de fita deve ser colocado no crachá e o outro foi usado no momento seguinte para que cada um/a falasse sobre suas expectativas e compromissos (pacto de convivência) durante o encontro. Após, foi lido sobre os diversos significados das cores.

O pacto de convivência, produzido a partir da Dinâmica das Cores, ficou assim estabelecido:

Para que nosso elo se mantenha unido, será preciso:

- Ambiente prazeroso, agradável e alegre
- Ter cuidado com os horários, e o espaço
- Ter visão do conjunto, das construções até aqui
- Maturidade: passos efetivos
- Aprender a aprender
- Respeitar os ritmos e fazer o ritmo juntos
- Respeito pelas falas
- Aproximação e interação
- Cumplicidade, amizade, companheirismo, vontade, energia e gana, simplicidade, amor
- Alma
- Estar inteiros
- Inovação
- Plantar três árvores
- Gratidão a mãe terra

A programação foi apresentada ao grupo, que propôs que ao final fosse inserido um momento de informes e que fosse apresentada uma síntese do primeiro módulo. Até este momento ainda aguardava-se a participação de Paul Singer no debate sobre Autogestão e Educação. No entanto, sua vinda foi cancelada e o grupo propôs que fosse feita uma análise de conjuntura tendo em vista o Projeto de Lei 865.

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

Gestão do seminário

O coletivo definiu a criação de quatro comissões para a gestão do seminário: Registro, Criatividade, Avaliação e Apoio Pedagógico.

Análise de conjuntura

A análise de conjuntura contou com uma fala de contextualização de Ademar Bertucci e o debate em plenária. A fala inicial trouxe as questões abaixo apresentadas:

- Aproveitar este momento de conjuntura para analisar a identidade do movimento para fazer mudanças em favor do próprio movimento.
- É preciso o fortalecimento dos Fóruns e mais neste momento: a nossa característica principal é de incidência política e teremos condições de fazer essa incidência na medida em que tenhamos uma base.
- O PL 865 foi levado ao Congresso sem nenhuma consulta ao movimento. Os Fóruns e outras representações se manifestaram contra o PL e apresentaram muitos argumentos. Foram poucas as representações favoráveis à inclusão da SENAES e do Conselho Nacional de Economia Solidária na Secretaria Especial de Micro e Pequena Empresa.
- Entre os espaços que o FBES abriu junto ao governo federal para discutir o PL, após sua apresentação na Câmara, estão reuniões com o Ministro Gilberto Carvalho e com a Frente Parlamentar em Defesa da Economia Solidária. Como resultado da reunião com o Ministro houve um compromisso de abrir diálogos e o reconhecimento de que foi equivocada a forma de proposição do PL. Desta reunião, saíram algumas exigências da economia solidária para favorecer esse diálogo:
- não ter nenhum prejuízo e não perder os ganhos em torno das ações do governo federal que foram conseguidos até o momento
- não haver perda da identidade
- ter a possibilidade de diálogos claros para qualificar melhor as propostas
- o acúmulo deve ser levado em conta: as conferências, o projeto de lei no qual se trabalhou dois anos no CNES, e a proposta do que poderia ser uma Secretaria Especial de ES.
- O movimento da economia solidária (ES) pede a retirada de tramitação do PL em regime de urgência e que os outros movimentos e parlamentares se pronunciem. Com o pedido de urgência não se tem tempo para o diálogo. É importante entender que da parte do setor das micro-pequenas empresas (MPE) estão acertadas para dentro do governo e por isso para este setor é importante manter o regime de urgência.
- Há um consenso na coordenação do FBES: nós não estamos contra a Micro Empresa, mas nossa reação é de nos incluir num espaço de política que é o da ES e não da MEP. Temos que reafirmar o nosso Projeto de Lei da ES.
- Nossa posição é uma questão ideológica sim, porque se trata de uma afirmação de valores.

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de Economia Solidária

Ministério do Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

Sobre o debate em plenária, apresenta-se a síntese:

- Precisamos aprofundar a relação com o FBES e a própria SENAES.
- As tensões com a CUT não são de hoje. É um momento muito delicado, complexo e qualquer passo será histórico para a ES.
- Será muito difícil ter autonomia dentro da Secretaria de MPE.
- A II CONAES foi ano passado (2010) e não está se respeitando o que foi deliberado. É preciso fortalecer a posição do movimento, sua identidade política.
- É apenas uma questão de modelo, dentro do modelo atual da Presidência a ES parece que não cabe. A gente não sabe utilizar a força que o movimento pode chegar a ter. É melhor a gente ir e trabalhar fortemente para dentro das nossas bases, para não perder o trabalho que já foi feito. Reforçar a nossa relação com os outros movimentos sociais como o feminista, os quilombolas, entre outros.
- O sistema capitalista esta nos engolindo! Os fóruns estão com fragilidades: há pessoas que somam e outras destroem. É o momento de voltar para a base, porque é lá que nos temos que voltar, com diz Frei Beto.
- O projeto ideológico que nos temos é que mais nos dá força para contrapor-nos. Temos que construir algumas estratégias com as bases. Ir para além de ouvir uma análise de conjuntura, temos que replicar este debate na base.
- As feiras são os grandes espaços para fortalecer o que é ES, e estendendo essas experiências das feiras e articulá-las com os espaços de formação.
- A questão agora é o como a gente mobiliza as bases e como a gente mobiliza os nossos pares (os outros movimentos sociais).

Dia 26 de abril

Domenico Corcione apresentou a proposta metodológica dos dias 26 a 28 de abril, momento em que assessorou a atividade. A metodologia previu três momentos:

1. Socialização e intercambio da aprendizagem do CFES.
2. Vivencia e aprimoramento do uso de instrumentos de apoio à sistematização.
3. Projeção de compreensões e orientações comuns: identificação de aspectos constitutivos da sistematização de experiências e orientações político metodológicas para a sistematização de experiências.

Afim de apresentar uma síntese do I Módulo, João Batista mostrou a apresentação que elaborou após a atividade de outubro de 2011 (Anexo D).

Socialização e intercambio da aprendizagem do CFES

Cada CFES regional apresentou sua experiência até o momento em relação à sistematização das suas práticas e experiências, tendo por base itens orientadores, enviadas previamente para os-as participantes:

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

- Concepção de sistematização de cada CFES
- Acúmulo de cada CFES e os produtos que eventualmente tenha feito
- Dificuldades e dúvidas
- Perspectivas

As apresentações dos CFES Regionais estão em anexo: CFES Sudeste (Anexo E), CFES Sul (Anexo F), CFES Centro-Oeste (Anexo G), CFES Nordeste (Anexo H), CFES Norte (Anexo I).

A fim de extrair das apresentações os itens orientadores, possibilitando a análise transversal da experiência de cada CFES, houve o “Cochicho Especializado”: subgrupos da plenária durante as apresentações de cada CFES, prestavam especial atenção sobre um dos itens orientadores. Depois das apresentações se reuniram para debater, observando: semelhanças e diferenças nas apresentações, destaques positivos, eventuais cuidados para o conjunto dos CFES.

As apresentações dos cochichos seguem abaixo:

<i>Sobre concepção e para que serve a sistematização</i>			
<i>Semelhanças</i>	<i>Diferenças</i>	<i>Destaques</i>	<i>Cuidados</i>
<ul style="list-style-type: none">- reflexão sobre a prática- espaço de construção de saberes- construção coletiva dos próprios sujeitos- utilizar as ações do CFES para discutir e refletir sobre sistematização- desmistificação da expressão sistematização	<p>O Norte não está discutindo sistematização nas ações de formação do CFES.</p>	<ul style="list-style-type: none">- Sul coloca o processo de sistematização como um processo de formação.- Acúmulo de outros movimentos como escola sindical.	<ul style="list-style-type: none">- garantir que a formação seja um processo permanente- sistematização não pode ser só relatório- terceirização da sistematização- não confundir sistematização de informação com sistematização de experiências- buscar metodologias que facilitem a compreensão em torno da sistematização- adequação de linguagem de acordo com o espaço em que se está

<i>Sobre acúmulos</i>			
<i>Semelhanças</i>	<i>Diferenças</i>	<i>Destaques</i>	<i>Cuidados</i>
<ul style="list-style-type: none">- construção de núcleos responsáveis pela sistematização nos coletivos- realização de seminários de construção de referências	<ul style="list-style-type: none">- Norte: não está ainda havendo nenhuma discussão sobre sistematização; não identificamos a formação dos coletivos de educadores na Região Norte- NE: sistematização de experiências de formação a partir do trabalho vivenciado e realizado pelas	<ul style="list-style-type: none">- relação de aproximação e fortalecimento com os Fóruns- acompanhamento de empreendimentos (RR)- preocupação do NE e do CO sobre o território e as identidades culturais	<ul style="list-style-type: none">- buscar muitas informações sem saber o que fazer com elas como consequência de uma orientação imprecisa sobre o que sistematizar- questão ampla como pergunta/problema: por

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de Economia Solidária

Ministério do Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional

Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira



<p>metodológicas: S, SE e NE</p> <p>- exercício de livre sistematização dos coletivos estaduais se apresentaram pela orientação: NE, S, SE e CO</p> <p>- referências teórico-metodológicas: Jara, Elza Falckembach e Cristina Meireles (Sul)</p>	<p>experiências de empreendimentos de economia solidária</p> <p>- S e SE: sistematização das atividades formativas do CFES</p> <p>- CO: tem um produto de sistematização</p> <p>- buscar parcerias para complementar uma possível diversidade de produtos</p>	<p>- preocupação do NE sobre a definição de tipologias que garantam a visibilidade da heterogeneidade das experiências de formação em economia solidária</p> <p>- relação entre a sistematização e o papel do educador e da sistematização</p> <p>- método do trem da sistematização: método dialógico, onde a cada etapa se levanta perguntas norteadoras (CFES Sul)</p>	<p>exemplo a metodologia da autogestão</p>
--	---	---	--

Sobre dificuldades			
Semelhanças	Diferenças	Destaques	Cuidados
<p>- constatação de que os recursos financeiros são os mesmos para necessidades diferentes</p> <p>- preocupação sobre como garantir o processo coletivo</p> <p>- falta de tempo - as pessoas militantes se sobrecarregam, o tempo do projeto dificulta o trabalho</p> <p>- busca de compreender a sistematização</p>	<p>No norte:</p> <p>- dificuldades de transporte e de isolamento geográfico</p> <p>- não teve atividades sobre sistematização</p>	<p>- inovações para desmitificar a sistematização</p> <p>- criação de estratégias para trabalhar com o-a Educador-a Real.</p>	<p>- incorporação do processo inicial 2009</p> <p>- continuidade das pessoas nos processos - coletivos, atividades</p> <p>- com os fluxos de informação e de poder (para assegurar a continuidade dos processos e a socialização dos conhecimentos)</p>

Sobre perspectiva			
Semelhanças	Diferenças	Destaques	Cuidados
<p>- para o NE e NO a falta de recurso é semelhante e a questão do tempo do projeto</p> <p>- NO, NE e CO –Semelhança na articulação da política territorial</p> <p>- todas as regiões apresentaram plano de sistematização</p> <p>- cada região apresentou referência de coletivos</p> <p>- em geral, os CFES estão recriando metodologias com</p>		<p>- socializar os produtos de todas as regiões. Para isto, poderíamos refletir um meio de como encaminhar esta questão</p>	<p>- acertos políticos dos recursos</p> <p>- mesmo que o CFES finalize (projeto governamental), hoje temos a clareza de que os processos vivenciados terão continuidade nos estados por conta das parcerias, redes e coletivos...</p> <p>- no geral o cuidado com o ritmo</p>

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de Economia Solidária

Ministério do Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional

Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira



bases na educação popular

- NO a sistematização ainda não se aprofundou o suficiente; porém, estão se rearticulando a partir dos Fóruns

para o conjunto do CFES: como levar em consideração estas peculiaridades

Domingos, a partir das apresentações e do debate, elaborou um mapa mental com as principais questões apresentadas (Anexo J)

Dia 27 de abril

Vivência e aprimoramento do uso de instrumentos de apoio à sistematização

O *segundo momento* da oficina foi destinado para as-os participantes se apropriarem de algumas ferramentas à sistematização: linha do tempo, quadros demonstrativos, mapas mental e territorial, diário de campo. Para este momento, houve a divisão em 4 grupos, ficando cada um com uma ferramenta a ser apropriada, tendo como subsídio dois textos (Anexos K e L). Para a socialização, a proposta foi de que cada grupo apresentasse de maneira a todo o coletivo participar, integrando as outras pessoas dos outros grupos.

Linha do Tempo: O grupo apresentou o conceito e a importância da ferramenta, mostraram um vídeo-poema sobre o tempo (http://youtube/XSYzRn3UJ_o). Propuseram a construção coletiva de uma espiral da ES desde 2001 a 2011. Ao final da apresentação deste grupo, fez-se uma dança circular.

Como a Linha do Tempo foi retomada no dia 29 de abril, sua apresentação está no seguimento do relatório.

Mapa Territorial: o exercício foi de mapear os-as educadoras-es da economia solidária pelo país a partir das informações apresentadas pela plenária.

Estado/ Região	Participantes atividades CFES	Participantes no coletivo	Percentuais		
			EES	EAF	Gov
PR	120	10	50	25	25
RS		15 (50% de EES)	80		20
SC	80	25 a 30			
Sudeste	460	100			

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional

Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira



Centro-Oeste	2861				
Nordeste	940	180	70		
Amazonas	120	5			
Rondônia	160	7			
Roraima	40	10			
Amapá	30	12			

A partir do mapa, foi identificado que aproximadamente 10% das/os educadores-as que participam das atividades do CFES se integram à Rede/ Coletivos.

Quadros demonstrativos: Foi proposta uma atividade por região para que se apresentasse duas questões em torno da Rede de Educadoras-es da Economia Solidária, na qual se colocou qual o significado da Rede na região e como ela tem se organizado.

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Região	Sul	Sudeste	Nordeste	Centro-Oeste	Norte
<p>Significado da Rede</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Socializar e intercambiar saberes e experiências • Rede precisa ter estratégia comum • Estamos em fase de constituição de coletivo, que está articulado/mobilizado • As-os militantes da ES precisam se reconhecer como educadores-as (diferentes saberes) • Não acreditamos em organização social sem processos de educação popular 	<ul style="list-style-type: none"> • Articular e organizar educadores-as em ES • Compartilhar saberes dos diversos educadores da ES • Unir pessoas que estão trabalhando com ES • Pensar metodologias 	<ul style="list-style-type: none"> • Construir complementariedades entre educadores-as • Construção e socialização de saberes • Reunir os diferentes saberes • Fortalecer as identidades culturais e territoriais (comunidades tradicionais) • Multiplicação de militantes para ES • Garantir a formação continuada 	<ul style="list-style-type: none"> • Fortalecer o movimento para além dos projetos governamentais • Para que a Rede? É preciso assegurar um processo contínuo de formação • Socialização e trocas de experiências mais rápidas e eficazes • Garantindo o intercâmbio e troca de saberes • Construir referências de educadores-as em ES • Ampliar a visibilidade do movimento • É realmente para além de projetos. Mas qual o caminho? Política territorial, ong's, secretarias 	<ul style="list-style-type: none"> • Possibilidade de articulação • Fortalecimento dos coletivos e garantia de continuidade • Rede: instrumento de ligação • Trabalho contínuo dos atores • Reunir saberes e habilidades diferentes
<p>Como está organizada</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Há debate sobre a rede, mas não temos um planejamento • Há coletivos estaduais que não, necessariamente, está se pensando como rede 	<ul style="list-style-type: none"> • Existem coletivos estaduais e coletivos micro-regionais 	<ul style="list-style-type: none"> • Oito estados já possuem coletivos • Está em processo de implantação • Os coletivos ainda estão funcionando dentro da dinâmica do CFES • Como garantir a organicidade da rede de educadores? 	<ul style="list-style-type: none"> • MT - tem coletivos e se reúne sempre nas atividades do CFES • MS - há coletivos com cerca de 20 pessoas que se reúne junto ao fórum • GO - tem coletivos que se reúne sempre nas atividades do CFES • DF - existe coletivo que se reúne quinzenalmente. Criaram grupo de estudo. • Tem comitê metodológico regional 	<ul style="list-style-type: none"> • Discussões, debates e reflexões nos estados • Construção do PPP • Coletivos de formação • Não há uma discussão específica regional

Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

Mapa mental: Segundo o grupo, o Mapa Mental é a forma mais rápida para sistematizar ideias, podendo ser elaborado durante ou depois das discussões. É uma construção de ideias não-linear. Para sua elaboração, identifica-se a ideia central do projeto de sistematização e as ideias secundárias. A metodologia do Mapa Mental está em escrever do centro para fora as palavras chaves. É importante escrever de forma legível. Pode-se usar imagens e cores para diferenciar conceitos para tornar o mapa mais claro. Quanto mais claro fica o mapa, mais facilmente pode ser lido por outros.

A dinâmica de socialização do mapa mental foi o desenho, pelo coletivo, de um boneco-a que representava o-a educador-a. Para, a partir do corpo, pensar a construção de um projeto de sistematização. Dentro do corpo foram inscritas as ideias principais de um projeto de sistematização.

O chão onde o corpo se apoia, é todo o acúmulo da experiência vivida.

Na socialização, foi ressaltado que a construção do mapa era também um processo que busca ordenar e classificar experiências e para construir uma contribuição crítica para intervir na realidade. Refletir a prática, construir saberes, qualificar a prática.

Seguem as ideias presentes no Mapa Mental construído durante a oficina:

Ideia principal: <i>conceito</i> Ideias secundárias: reflexão crítica sobre experiência vivida, construção coletiva de conhecimentos	
	Cabeça Ideia principal: <i>objeto/recorte</i> - Perspectivas Ideias secundárias: cursos, oficinas, papel do CFES no fortalecimento do Fórum, metodologia e autogestão, experiência do processo de formação
	Braços Ideia principal: <i>estratégias</i> Ideias secundárias: atividades intermodulares, oficina e curso regional para coletas de dados, registro
	Tronco Ideia principal: <i>metodologia</i> Ideias secundárias: construção coletiva dos sujeitos, trem da sistematização
	Pernas Ideia principal: <i>ferramentas</i> Ideias secundárias: diário de campo, mapas, linha do tempo, diagrama de Venn, arquivos, fotos
	Pés Ideia principal: <i>resultado/produto</i> Ideias secundárias: DVDs, publicações, revistas, cartilhas, vídeo, artigos
Chão Ideia principal: <i>Acúmulo/experiências vividas</i> Ideias secundárias: perspectivas, motivar essas práticas em outros grupos	

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de Economia Solidária

Ministério do Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

Ferramenta para elaboração de mapa mental: pesquise por **CmapTools download** (Baixaki/ baixar/ fazer cadastro onde se deve colocar que é para fins educativo e entidade ES/ submeter/ executar. Acessar o link que ficará na área de trabalho e fazer os mapas. Para adquirir fluência tecnológica nessa ferramenta é só mexer, fuçar. Qualquer coisa pode entrar em contato com Eliandra (egomesmarques@gmail.com) ou no cirandas “Eliandra”.

Ao final do dia foi realizada uma avaliação, na qual as pessoas se reuniram em grupos de até três pessoas que avaliaram as vivências internas a cada grupo e o significado de ter trabalhado com as ferramentas. Na socialização das conversas foram feitas as considerações apresentadas abaixo:

- Como fazer para que o-a outro-a se aproprie do que eu quero passar?
- Houve uma especialização individual, de um conteúdo só, por isso nesse momento é fragmentado, e as pessoas tem um ganho individual, mas teve um ganho social que compensa que é o fazer parte do grupo.
- O processo de aprendizado tem sido contínuo e com uma linguagem popular, por isso também os trabalhos tem sido mais produtivos. Teve-se uma maior participação. A dinâmica de grupo também auxiliou nesse processo de aprendizado. Hoje teve uma integração maior no coletivo.
- Vivemos um dia super denso, foram muitas aprendizagens, no nosso grupo estudamos a ferramenta, vivenciamos sua elaboração, e até levantamos informações da rede de educadores.
- Conseguimos a traves do planejamento organizar nosso trabalho, com relação ao trabalho na plenária nos apropriamos de todas as ferramentas, as experiências que os outros grupos se aprofundaram, muito criativos. Produzimos conhecimento juntos, e crescemos como coletivo de formadores-as de ES.
- Hoje cada educador-a foi protagonista.
- No aprendizado existem diferentes maneiras de trabalhar a sistematização.
- Não foi cansativo, porque a pratica da autogestão está presente no nosso trabalho.
- Nos coletivos temos que ter muito cuidado com as dispersões, a nossa participação tem que ser de corpo completo, isso qualifica nossa pratica enquanto educadores populares.

Sobre as avaliações, Domingos fez alguns comentários:

- Na atividade teve-se tempo de ganho individual e de ganho coletivo, o que significa uma afinção politico metodológica. E é precisamente esse o objetivo, construir uma afinção metodológica mais consolidada.
- Na comunicação é preciso fazer com que não se perca o foco, valorizar os aportes de todos, saber escutar, ter uma linguagem mais popular. Trazer a relação entre estudo e vivencia.
- Apropriação de ferramentas: é preciso estudar mais as ferramentas, tem que ser avaliadas depois de usar.
- A atividade teve uma dimensão lúdica e prazerosa. Tudo mundo estava empenhado!

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF

Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional

Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

Dia 28 de Abril



Projeção de compreensões e orientações comuns

O terceiro momento, dedicado à construção das orientações políticas metodológicas, teve como metodologia um carrossel de grupos de trabalho. Para registrar os acúmulos, alterações e divergências quando da passagem de cada grupo por um tema, duas pessoas do grupo inicial permaneceram, receberam os demais grupos e fizeram a apresentação do resultado do trabalho.

Os grupos foram divididos nas temáticas:

- Conceito
- Motivações e referências: políticos e teóricos
- Objetos de sistematização
- Processo metodológico de construção: estratégias e ferramentas
- Produto final e comunicação da experiência sistematizada

Para o trabalho em torno do tema “conceito de sistematização” foi elaborado um subsídio com os conceitos apresentados pelos regionais, aquele elaborado quando do 2º Curso Nacional de Formação de Formadoras-es e o resultado do “cochicho especializado” sobre concepção de sistematização (Anexo M).

Socialização dos grupos e construção dos referenciais comuns

Conceito de sistematização

- Apresentado à plenária: Sistematização é um processo de reflexão crítica sobre a prática vivenciada por participantes de uma determinada experiência, incorporando diversas vozes e olhares, na construção coletiva de conhecimentos e saberes pelas/os envolvidas/os, para realimentar e favorecer o aprimoramento da prática social e seu potencial multiplicador, tendo em vista a transformação da sociedade.
- Com as contribuições da plenária: Sistematização é um processo de reflexão crítica sobre a prática vivenciada por participantes de uma determinada experiência, incorporando diversas vozes e olhares, na construção coletiva de conhecimentos e saberes pelas/os envolvidas/os, para realimentar e favorecer o aprimoramento da prática social e seu potencial multiplicador, tendo em vista a transformação da sociedade.

Motivações, referenciais e objetos

O grupo elaborou um mapa de ideias, que está no Anexo N.

Motivações:

- Compreender e melhorar nossa própria prática.

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF

Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

- Extrair ensinamentos e compartilhá-los.
- Serve de base para teorização e a generalização.
- Resgatar e registrar experiências.
- Contribuir para fortalecer a gestão participativa.
- Compreender o papel de cada envolvida-o na gestão.
- Identificar pontos positivos e negativos no processo.
- Teorizar a prática vivenciada (ação-reflexão-ação).
- Incidir em políticas públicas.
- Identificar os aprendizados, os desafios, os entraves, as tensões e contradições.
- Responder as contradições das praticas vivenciadas.
- A busca de soluções de necessidades vivenciadas pelo coletivo.
- Resgatar a historia, reforçando a identidade do coletivo e os saberes tradicionais.

Referenciais do fazer sistematização:

“As construções de conhecimentos e saberes, a partir da Educação Popular em Economia Solidária que fortalecem a construção de uma sociedade sustentável e de outro mundo possível.”

- Referenciais teóricos: Oscar Jara e Elza Falkembach
- Referenciais políticos: CONAES, Plenárias, Oficinas Nacionais de Formação e Carta de Princípios do FBES, a organização popular, Carta da Terra (<http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/text.html>)

Objetos:

- Experiências e práticas dos empreendimentos
- Experiências e práticas de organização do movimento de economia solidária
- Experiências e práticas de educação em economia solidária

Processo metodológico

As orientações com as contribuições da plenária:

- Sensibilizar o grupo para a necessidade e potencialidades da sistematização de modo a aglutinar o maior número possível de pessoas no processo (empoderamento)
- Planejar de modo claro sobre o que se quer sistematizar
- A decisão de sistematizar deve partir da compreensão dos sujeitos de rever sua prática
- Trabalhar a sistematização como processo contínuo de aprendizagem e de produção coletiva de conhecimentos e saberes
- Investir na sistematização como um espaço de formação política e pedagógica

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF

Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

- Socializar o produto final da sistematização para favorecer o aprimoramento da prática e seu potencial multiplicador (olhar para além de nós)
- Passar pela construção de sucessivas narrativas, cada vez mais aprimoradas coletivamente
- Reconstituir a experiência de modo a contribuir na explicitação da interpretação e reinterpretação das/os envolvidas/os na vivência.

As referências básicas sobre sistematização são os textos de Oscar Jara e Elza Falkembach.

Sobre os métodos, além daqueles propostos por Oscar Jara e Elza Falkembach, há um método em construção pelas/os educadoras-es da Região Sul: o Trem da Sistematização.

Ferramentas:

O uso das ferramentas segundo os momentos da sistematização:

- Linha do tempo: sensibilização das/os envolvidas-os; recorte da experiência vivida.
- Mapa de ideias e mapa territorial: plano de sistematização (objeto, objetivos, metodologia, cronograma e produto).
- Diário de campo, diagrama de Venn (memória visual e levantamento documental), quadros demonstrativos: análise do processo.

O uso das ferramentas a partir dos passos sugeridos por Jara:

- Ponto de partida: mapa de ideias e mapa territorial.
- Perguntas iniciais: mapa de ideias e mapa territorial.
- Recuperação do processo: linha do tempo, diagrama de Venn, quadros demonstrativos.
- Reflexão de fundo: diário de campo.
- Ponto de chegada: lições aprendidas

Destaque: a iconografia pode ser uma ferramenta.

Produto final e comunicação da experiência

Produto é o resultado do processo da sistematização.

As condições que determinam o produto:

- Para quem - está diretamente relacionada à questão da linguagem que será utilizada e acesso à determinadas tecnologias.
- Para que - para divulgar a economia solidária (público externo), para fortalecer os processos formativos (público interno), para incidir nas políticas públicas.
- Sustentabilidade: material e financeira (parcerias e recursos do próprio CFES).
- Condições de pessoal: coletivo composto pelo próprio grupo que viveu a experiência que seja responsável por acompanhar e animar o processo de sistematização.

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Fórum Brasileiro
de Economia Solidária



CÁRITAS
BRASILEIRA

Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

Sobre a produção do produto:

- Pensada já no planejamento
- Oficinas de elaboração do produto – apoiadores externos, pontos de cultura colaboram com uso de ferramentas e processo de sistematização (devem se submeter à metodologia do grupo)
- Conter roteiro pedagógico no material – como utilizar o material em formações.
- Refletir sobre a qualidade do produto final.
- As pessoas que participaram do processo precisam se reconhecer no produto e referendá-lo.

Sobre o formato do produto, pode ser: vídeo, folder, manual, almanaque, revista, caderno sequencial e solto, peça teatral, cartilha, spots de rádio (entrevistas e reportagens), livro, poema, cordel, música, iconografia (por exemplo para público que não convive com a cultura letrada).

O que deve conter no produto:

- Situação inicial: do contexto onde a experiência se situa e das/os envolvidas/os.
- Reconstrução do processo da experiência vivida (resgate histórico do processo).
- Reflexão crítica do processo da experiência vivida.
- Principais aprendizagens da experiência sistematizada.
- Projeções da experiência

Questões apresentadas em torno do produto:

- Uso de tecnologias: como levar para os público que não têm acesso à internet?
- Como fazer a troca de saberes e material?

29 de abril

O tema do quinto dia do Seminário foi dedicado à socialização em torno da construção da Rede de Educadoras-es da Economia Solidária, informes e avaliação final.

No início do dia, cada grupo de gestão do encontro apresentou-se:

- Criatividade: Realizou a dinâmica do Abraço, fazendo a leitura de um texto sobre o significado do abraço, porque abraçarmos, sua importância. E outra dinâmica de integração, onde a partir da orientação de uma pessoa o grupo foi ligando com as partes do corpo (mãos, pés, cabeça) tocar nas roupas de algum-a participante conforme a cor indicada, mantendo o toque de cada parte do corpo até o final. Ao final, a orientação é de que o grupo todo conectado movimente-se para a direita e para a esquerda.
- Memória: A partir das fotos do Seminário organizadas numa apresentação em formato de globo, participantes vão até o computador onde está o arquivo com as fotos, escolhe uma foto e relata o que lembra do momento registrado.

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

- Apoio pedagógico: Apresentou a proposta de atividades para o dia e coordenou os diferentes momentos.

Rede de Educadoras-es da Economia Solidária

Iniciou-se com a reconstrução da Linha do Tempo, elaborada no terceiro dia do Seminário. A esta linha, foram incorporados os momentos de constituição de coletivos estaduais de educadoras-es. Para destacar os momentos específicos da educação em economia solidária, as tarjetas com este tema foram colocadas na margem de cima da Linha do Tempo.

Linha do Tempo	
Contexto da economia solidária	Construção dos coletivos de educadores
1999 Começa discussão inicial sobre ES	
	2000 SC - GT de formação
2001 1ª FSM Espírito Santo Grupo de Trabalho Brasileiro de ES com 12 entidades RCSES/ CE: criação com GT's diversos	
2002 Eleição do Lula I Plenária Nacional (SP, dezembro)	
2003 II Plenária Nacional (FSM 2003, 800 participantes) III Plenária Nacional (Junho, 830 participantes) Criação do FBES Criação da SENAES	2003 GT Formação
2004 I Encontro Nacional de Empreendimentos de Economia Solidária FRES – RO Fórum Sergipano	

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional

Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira



SE - DRT (Dra. Lurdes/NAT/Prefeitura) Feiras nacionais, estaduais e locais	
2005 Fórum Catarinense de Economia Solidária Início mapeamento PB - Reuniões do Fórum com o olhar e participações enquanto empreendimento.	2005 Goiás - GT de Formação RS – GT Formação Fórum: Articulação para o edital do projeto CFES I Oficina Nacional de Formação
2006 I CONAES	2006 SE – Feira de ES de 01 a 03 de dezembro FEOES/ SC – Fórum Extremo Oeste de Economia Solidária Roraima – ITCPES SP – GT de Formação
2007 II Mapeamento	2007 II Oficina Nacional de Formação III Feira da ECOSOL 30 a 02/12/2007 RS - Sistematização de formação ES
2008 IV Plenária Sergipe - Lei 6525/SE, 09/12/2008	
	2009 Começo dos CFES: Nacional, Sudeste, Centro Oeste, Norte, Nordeste Extremo Oeste/ SC - 1ª Feira Regional ES, com atividade de formação Porto Velho/ RO - Clube de trocas solidárias (produtos, serviços, saberes) Recife/ PE - Seminário Regional ATER, Curso de Formação Regional CFES NE RCSES/ CE - Pensando rede de formadores
2010 II CONAES Lei geral da ECOSOL Sergipe - Conferências territoriais (31/03/2010) Rio ECOSOL CEDAC	2010 NE RCSES/ CE – define-se o Núcleo de Formadores-as da Rede Cearense Seminário/SE – UFS/BB/SEIDES (18 e 19 de Novembro)

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional

Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira



	<p>Recife/ PE -II Curso formação regional – CFES – NE</p> <p>MA - Oficina de formação de formadores-as</p> <p>Sul</p> <ul style="list-style-type: none">- Projeto CFES Sul: Coletivos regionais e estaduais provocados nas atividades de formação 2010- Paraná – do final 2010 até hoje amplia-se o coletivo por dois motivos: relação da coordenação com o fórum e encontros/cursos do CFES <p>Norte</p> <ul style="list-style-type: none">- I Encontro Regional em Belém- II Encontro Regional no Amapá- III Encontro Regional Rio Branco – Feira Panamazônica- IV Encontro Regional em Manaus- RO - Oficina de elaboração do PPP do CFES estadual- AM - formações- Trabalho contínuo dos atores- Possibilidade de articulação
	<p>2011</p> <p>AM - PPP 2011</p> <p>Formação da rede no Amazonas</p> <p>Oficinas sobre fluxos e Cirandas</p>

No momento seguinte, retomou-se o Quadro Demonstrativo produzido no terceiro dia do Seminário. Dividiu-se a plenária em grupos temáticos a partir das categorias propostas pelo Grupo de Apoio Pedagógico para complementação do Quadro, observando-se que em cada grupo houvesse uma pessoa de cada região:

- Significados da Rede: identificar semelhanças e diferenças entre as Regiões
- Formas de organização da Rede: identificar semelhanças e diferenças entre as Regiões
- Relação dos coletivos com os Fóruns Estaduais: apresentar como está a relação por regiões/ estados e identificar desafios
- Sustentabilidade da Rede: propostas para os próximos passos
- Comunicação: propostas para os próximos passos

A socialização dos trabalhos em grupos originou análise do Quadro Demonstrativo produzido no terceiro dia do Seminário e proposições para cada tema:

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de Economia Solidária

Ministério do Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

Significados da Rede de Educadoras-es da Economia Solidária

Semelhanças:

Diferenças:

(necessário recuperar arquivo com estas informações)

Foi proposto que as próximas discussões se inclua o debate teórico sobre rede.

Organização dos coletivos

Semelhanças:

Diferenças:

(necessário recuperar arquivo com estas informações)

Relação dos coletivos com os Fóruns de Economia Solidária e outros movimentos populares

Região	Relação com Fórum de ES	Relação com outros movimentos populares
NE	<p>Apresentação a partir do relato da experiência de Sergipe.</p> <ul style="list-style-type: none">- Houve eleições no Fórum: Fórum era centralizado numa pessoa só, agora o coordenador é mais aberto/ participativo- Fórum é de Estado e não do estado- Aconteceram oficinas do CFES- Fórum é o principal interlocutor do coletivo- Educadoras-es são integrados entre si no fórum, mas o coletivo não está articulado- Coletivo se reconhece como movimento, mas não como fórum	<p>Há relação com agricultura familiar, apicultura, pesca, CUT, MST, governo do estado, Governo Federal – DRTE, MDA</p>
SE	<ul style="list-style-type: none">- Há 8 coletivos, entre estaduais e microrregionais- Participação em atividades acontece em diálogo com os fóruns	<p>Há relação com entidades sindicais, segurança alimentar, agricultura familiar, EJA</p>
Sul	<p>RS: Fórum Gaúcho desarticulado e está se</p>	<p>Participantes de outros movimentos fazem</p>

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Fórum Brasileiro
de Economia Solidária



CÁRITAS
BRASILEIRA

Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional

Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira



	<p>reorganizando, mas ainda assim não tem conseguido responder à interlocução com o projeto CFES. Esta interlocução está sendo feita com os 11 fóruns microrregionais.</p> <p>PR – O fórum é o principal interlocutor do CFES. Antes a coordenação do Fórum Paranaense estava centralizada em apenas um sujeito político (ADS CUT), após as atividades de formação do CFES a coordenação foi reestruturada de forma participativa e itinerante.</p> <p>SC – Fórum é extremamente articulado. Tem uma comunicação virtual muito precisa e funcional. O fórum é o principal interlocutor do CFES e por vezes o CFES é refém do fórum.</p>	<p>parte das atividades de formação do CFES, mas não há uma relação mais estreita entre as diferentes bandeiras.</p>
CO	<p>- Relação centralizada no fórum</p> <p>- CFES define a participação nas atividades de formação</p>	<p>- Relação boa com os sindicatos, movimento feminista, Governo (SENAES, MDA, INCRA...), ECO CUT</p> <p>- Não há uma relação mais estreita entre as diferentes bandeiras.</p>

Desafios

- Relação com os fóruns reconhecendo os coletivos como parte do movimento e vice-versa.
- Relação com os movimentos considerando as diferentes bandeiras que fazem parte do movimento de economia solidária.
- Poder público: criar estratégias para lidar com poder público.

Sustentabilidade

Como fazer para dar continuidade à organização da Rede de Educadoras-es da Economia Solidária?

- Possibilidade de continuidade, no entanto sem haver trabalho voluntário.
- Criar estratégias para acessar recursos em parcerias locais/ estaduais.
- Parceria com outras entidades para serem entidades âncoras, contribuindo para o desenvolvimento da ES.
- Lutar pelo patrimônio do movimento.
- Buscar a sustentabilidade da rede através do Fórum.
- Criar um Fundo Solidário de reserva (rifa, bazar, doações).

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de Economia Solidária

Ministério do Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

- Realizar eventos em parceria, como as feiras.

Perspectivas para os Centros de Formação/ Política de Educação e Economia Solidária:

- Manter o espaço de formação e articulação de educadoras-es.
- Constituir espaço onde há arquivos e acervo sobre ES.
- Articular os Centros de Formação com a comercialização (encontros, formação, articulação): um Centro em cada capital. Sendo espaço permanente de formação, articulação e comercialização.
- Participar de iniciativas de outros movimentos.
- Trabalhar em nível de microrregiões (de forma presencial).

Comunicação

Desafios	- Comunicar-se para além do virtual - Favorecer/ contribuir para a horizontalidade da rede (que está em construção)	
Propostas		
Boletim virtual e impresso: - Haver notícias sobre os coletivos/ atividades/ articulações. - Incluir notícias sobre coletivos/ atividades/ articulações nas páginas dos CFES Nacional, Regionais e coletivos estaduais - FBES colocar RSS para puxar as notícias dos CFES Regionais, Nacional e coletivos estaduais. - Assim, todas as notícias dos coletivos estarão no boletim do FBES - Fazer o Mamulengo com as notícias do boletim do FBES, selecionando aquelas que são de interesse do coletivo estadual, e imprimir: buscar parcerias para impressão de tiragem nos	Intercâmbio entre o Norte e outras Regiões - CFES Nacional: acompanhar e contribuir as atividades do Norte CFES Regionais: possibilitar uma passagem de ida para o Norte para atividades que os coletivos do Norte considerem estratégicas para a realização de intercâmbio	Criar núcleo/ referência de comunicação - Nos estados - Na região - Nacional O núcleo ficar responsável pela criação da página da Rede de Educadores-as.

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de Economia Solidária

Ministério do Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional

Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira



estados. - Levar Mamulengo para coletivos, fórum e outras atividades dos movimentos sociais		
--	--	--

Informes

1. Apresentação da agenda do CFES Nacional

Neste momento ainda

Atividade	Data da atividade
Oficina Nacional – Metodologias para Assessoria Técnica à Empreendimentos da Economia Solidária/ 1º Módulo	27-30 junho a 01 a julho
7º Seminário Latino-Americano de Economia Solidária Seminário Compartilhando experiências entre educadoras-es da economia solidária	09 de julho 08-10 julho
Oficina Nacional de Formação de Educadoras-es sobre Formação Política/ 1º Módulo	01 a 05 de agosto
Oficina Nacional Políticas Públicas, Educação e Economia Solidária – 2º Módulo	22 a 26 de agosto
Oficina Nacional – Metodologias para Assessoria Técnica à Empreendimentos da Economia Solidária/ 2º Módulo	19 a 23 de setembro
Oficina Nacional de Formação de Educadoras-es sobre Formação Política/ 2º Módulo	17 a 21 de outubro
Seminário Nacional sobre o PPP	28 a 30 de novembro

2. Mobilização do FBES: PL 865

Documento completo com as orientações disponível em <http://miud.in/FQH>

3. Projeto ECOJUS

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de Economia Solidária

Ministério do Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

Haverá 5 seminários e oficinas para as quais educadoras-es serão convidadas-os.

4. Fundos Solidários

Em abril CFES foi convidado para participar do Seminário Nacional de Capacitação em Fundos Solidários, onde participaram Edson (Paraná) e Neuda (Amazonas).

O projeto de Fundos Solidários está sendo executado por organizações da sociedade civil, sendo que a Cáritas é responsável pela articulação nacional.

Acontecerão oficinas nas regiões e será realizado um mapeamento dos fundos solidários.

5. III Feira de Economia Solidária do Amapá

De 28 de abril a 01 de maio, em Macapá. A Cáritas está coordenando o processo.

6. Projeto Cataforte

É um projeto nacional, cujo recurso não está sendo usado de maneira adequada e parte terá que ser devolvido. No projeto há um módulo de ES para o qual está prevista contratação de assessoria técnica.

Avaliação final

A avaliação final foi feita verbalmente e voluntariamente. Aspectos e considerações na avaliação final

O que levamos de positivo?

- Foi muito bom, muito para plantar e brotar. Mesmo já tendo algum conhecimento nas metodologias trabalhadas.
- Amadurecemos muito do seminário anterior para este no resultado, relações, emoções.
- O dia 28 foi emotivo por conta do informe do movimento em relação à reunião com a Presidência da República: nos carregamos de motivação.
- Terminamos com um produto.
- Foi importante ter a assessoria do Domingos, trazendo um diálogo mediado.
- Nosso envolvimento nas mobilizações em torno do PL: rompimento com a opressão. Precisamos estar atentos pois incorporamos o opressor, o que imobiliza a justa indignação.

O que fica no meio do caminho?

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

- As trocas que não aconteceram, apesar de termos dado início na entrada do Anexo 2 do Congresso.
- Nossa prática de autogestão: esperamos que seja disponibilizado o espaço para fazer acontecer a autogestão, como se ela tivesse que ser concedida. A autogestão é a gente que faz.

Encerramento

O encerramento aconteceu antes dos informes e da avaliação final e foi organizado pelo grupo da Criatividade. O coletivo fez um círculo no gramado do CCM e cada pessoa retomou a cor que havia escolhido na acolhida ao Seminário e expressou o que está levando, como está se sentindo ao final da atividade.

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Anexos

Anexo A - Programação

	25 de abril	26 de abril	27 de abril	28 de abril	29 de abril
M	Acolhida e credenciamento das participantes	<p>Primeiro momento: socialização e intercâmbio de aprendizagens acumuladas no processo de sistematização de experiências em cada CFES</p> <ul style="list-style-type: none"> • Orientações iniciais • Dinâmica de grupos integrados • Plenária conclusiva 	<p>Continuidade do segundo momento:</p> <p>Plenária de socialização e aprofundamento da contribuição de cada GT.</p>	<p>Continuidade do terceiro momento:</p> <p>Construção coletiva de orientações político-metodológicas unitárias, para os processos de sistematização de experiências.</p>	<p>Rede de Educadores-as: organização e perspectivas</p>
	<p>Abertura:</p> <p>boas vindas, apresentação dos-as participantes, apresentação e alterações da pauta, acordo de convivência</p> <p>Análise de conjuntura: PL 865</p> <p>Organização da gestão do seminário</p> <p>Preparação para o 1º Momento: reunião por CFES para construir a síntese de seu respectivo acúmulo sobre o processo de sistematização de experiências.</p>	<p>Continuidade do primeiro momento</p> <p>Segundo momento: vivência e aprimoramento do uso de instrumentos de apoio à sistematização de experiências</p> <ul style="list-style-type: none"> • Orientações iniciais • GTs para vivência e aprimoramento do uso adequado de instrumentos de apoio à sistematização de experiências: • Linha do Tempo • Quadros Demonstrativos ou Tabelas • Diário de Campo • Mapa de Ideias • Mapa Territorial • Outros... 	<p>Continuidade do segundo momento:</p> <p>finalização da plenária.</p> <p>Terceiro momento:</p> <p>Projeção de compreensões e orientações comuns</p> <ul style="list-style-type: none"> • Orientações iniciais. • Dinâmica participativa para a construção coletiva dos Aspectos Constitutivos da Sistematização de Experiências. 	<p>Continuidade do terceiro momento:</p> <p>Debate, conclusões e encaminhamentos finais.</p>	<p>Informes</p> <p>Avaliação final</p>

T					
N	Reunião do grupo Pedagógico	Reunião do grupo Pedagógico	Reunião do grupo Pedagógico Confraternização	Reunião do grupo Pedagógico	

Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional

Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira



Anexo B – Lista de participantes

	Nome	Região	Organização
1	Adenilce Maria de Araújo Silva	CO	Central Única dos Trabalhadores
2	Rutiléia de Sá Arruda	CO	CFES CO
3	Dilma Gomes da Silva	CO	Sindicato dos Funcionários e Servidores da Prefeitura Municipal de Terenos
4	Isabel Cristina Forte	NE	Cáritas Regional
5	João Batista de Oliveira dos Santos	N	Associação de Radiodifusão Comunitária do Estado do Amapá
6	Gerson Peixoto Azambujo	S	Prefeitura Municipal de Sapucaia do Sul
7	Roseny de Almeida	SE	CFES SE –IMS
8	Ivanio Dickmann	S	HABESOL
9	Joana D´Arc Aguiar de Souza	CO	Comunicativa/ Projeto Cooperar/ Cataforte
10	Carmen de Melo Castro e Silva	CO	Migue confecção
11	Maria Geovana da Silva Rodrigues	N	Secretaria de Estado da Educação - Rondônia
12	Alzira Medeiros	NE	CFES Nordeste - UFRPE
13	Aline Mendonça	S	CFES Sul - UNISINOS
14	Adalberto Sabino	SE	Instituto de Desenvolvimento Territorial - IDESTE
15	Eduardo da Silva Godinho	SE	Casa de Formação Angelina
16	Kadio Serge Aristide	SE	Centro Público de ES do Espírito Santo
17	Ezio Faganello	S	Assessor parlamentar
18	Maria Helena Mendes Pinheiro	NE	Grupo de Mulheres negras Maria Firmino
19	Edimir Francisco da Silva	NE	Rede de Educação Cidadã - AL
20	Regina Marlene Bonfá dos Santos	NE	Fazendo Arte e ES
21	Simone Adriana Vasconcelos Sobral	NE	Secretaria do Estado da Inclusão e Assistência Social

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de Economia Solidária

Ministério do Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional

Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira



22	Leonete Roseno do Nascimento Barbosa	NE	RECID
23	Joana Mota	N	FBES
24	Maria Geralda Souza Lopes	SE	Cooperativa de Portadores de Deficiente
25	Walmira Penha Rosa	NE	Grupo de Mulheres Bordadeiras do Parque Piauí
26	Renato Martins	SE	FBES
27	Sônia Maria Brás da Silva	SE	FBES
28	Ana Dubeux	N	FBES
29	Henrique Freitas dos Santos	N	SRTE
30	Sandro Bedin	N	UFRR
31	Eliandra Gomes Marques	S	CONSAD
32	Domenico Corcione	NE	Assessoria ao Seminário
33	Rosana Kirsch	CO	Equipe CFES Nacional
34	Mariléia Hillesheim	CO	Equipe CFES Nacional
35	Emanuel Quaresma	CO	Equipe CFES Nacional
36	Tatiana Castilla	CO	Equipe CFES Nacional
37	Ademar Bertucci	CO	Cáritas Brasileira

Anexo C - Texto: Sistematização de experiências da economia solidária: referenciais comuns, práticas diversas

Texto produzido a partir dos consensos em torno da prática e perspectivas sobre sistematização, resultante do Seminário.

Sistematização de experiências da economia solidária: referenciais comuns, práticas diversas^[1]

Quando falamos de sistematização de experiências educação para outra economia e das práticas de trabalho associado, acrescentamos um objetivo: saber se estamos no caminho da construção da economia solidária. Como educadoras-as, nosso trabalho precisa contribuir com este objetivo (...) e, para isto, temos que sistematizar um leque amplo de práticas educativas que acontecem na ES, com o olhar a partir de uma pedagogia autogestionária. (Relatório do Seminário Nacional sobre Sistematização – 1º Módulo)

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF

Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de Economia Solidária

Ministério do Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional

Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira



Apresentação

Os referenciais aqui apresentados expressam o resultado da produção coletiva realizada durante o Seminário Nacional sobre Sistematização – 2º Módulo, que contou com a participação representativa de educadoras-es das cinco regiões do país, a partir da mobilização dos Centros Regionais e Nacional de Formação em Economia Solidária (CFES).

Para compreendermos o significado deste documento, é preciso considerar que cada CFES vem acumulando sua experiência - com respectivos referenciais políticos, teóricos e metodológicos - sobre a sistematização. Isso evidencia, de um lado, a riqueza da diversidade de acúmulos e exige – do outro – a construção de referenciais comuns em torno da sistematização de experiências da economia solidária. E, de construir tais referências garantindo unidade na diversidade.

Nessa busca, no seminário, priorizou-se valorizar a reflexão dos coletivos de educadores-a e a elaboração de referenciais comuns para a sistematização de experiências. A atividade contou com a colaboração de Domingos Corcione, provocando o debate e favorecendo a concretização da proposta do seminário.

Conceito de sistematização

A sistematização é um processo de reflexão crítica sobre a prática vivenciada por participantes de uma determinada experiência na construção coletiva de conhecimentos e saberes pelas/os envolvidas/os, incorporando diversas vozes e olhares, na perspectiva de realimentar e favorecer o aprimoramento da prática social e seu potencial multiplicador, tendo em vista a transformação da sociedade.

Objetos da sistematização

Três objetos distintos, mas complementares, aparecem nos processos de sistematização de experiências da economia solidária:

1. Experiências e práticas dos empreendimentos de Economia Solidária.
2. Experiências e práticas sobre a organização do movimento de Economia Solidária.
3. Experiências e práticas de educação em Economia Solidária.

Estes objetos são importantes e a escolha dentre eles contribuem para a produção de conhecimentos e consolidação da economia solidária.

Referenciais teórico-políticos

Enquanto prática político-pedagógica, a sistematização é um processo de construção coletiva de conhecimentos e saberes, que – dando continuidade à trajetória da Educação Popular em Economia Solidária – evidencia que “outro mundo é possível” e fornece elementos na realização de uma sociedade justa e sustentável.

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF

Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Fórum Brasileiro
de Economia Solidária



CÁRITAS
BRASILEIRA

Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

Entre as principais motivações que mobilizam os processos de sistematização ressaltam-se:

1. Registrar e resgatar a trajetória da experiência, de modo a compreender melhor e aprimorar a própria prática.
2. Valorizar e potencializar a identidade do coletivo e os saberes tradicionais.
3. Extrair ensinamentos da experiência, compartilhá-los e disseminá-los, de modo que favoreça seu potencial multiplicador.
4. Servir de base para processos de teorização sobre a prática vivenciada, considerando a relação ação-reflexão-ação.
5. Contribuir para fortalecer a gestão participativa das organizações, favorecendo - inclusive - uma melhor compreensão do papel de cada pessoa envolvida.
6. Identificar - no aprendizado extraído da experiência - não somente os principais pontos positivos, mas - sobretudo - desafios, entraves, tensões e contradições, facilitando a projeção de respostas e soluções adequadas.
7. Alcançar uma melhor incidência em políticas públicas.

Encontramos referenciais políticos, com os quais nos afinamos, nos documentos das Conferências de Economia Solidária, Plenárias e Oficinas Nacionais de Formação em Economia Solidária, Carta de Princípios do FBES e na Carta da Terra. Além destes referenciais, a organização popular - com suas mobilizações e bandeiras de lutas - aquecem e fortalecem reafirmam nossa convicção política.

No campo específico da sistematização de experiências, a produção de Oscar Jara e Elza Falkembach são referenciais teórico-políticos. Os textos deste/a educador/a foram referenciais de estudo e trabalho entre as/os educadoras-es durante o projeto CFES.

Estratégias, métodos e ferramentas

As/os educadoras-es da economia solidária têm utilizado distintos métodos e instrumentos para sistematizar experiências. Entre os métodos, a proposta de Jara inspira diversos autores e práticas de sistematização. O método sugerido por Falkembach também está presente nas abordagens das/os educadoras-es da economia solidária.

Na região Sul, os coletivos de educadoras-es criaram o Trem da Sistematização, um método em elaboração que apresenta uma linguagem popular e usa da imagem do trem para favorecer a compreensão do processo de sistematização.

Estes métodos facilitam as sistematizações das práticas em Economia Solidária e torna-se importante que divulguemos e aprimoremos, a partir da prática e reflexão, estas propostas. E, mesmo reconhecendo a legitimidade da escolha deste ou daquele método, seguem algumas orientações estratégicas comuns.

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional

Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira



Métodos de sistematização: principais etapas		
Jara	Falkembach	Trem da sistematização
<p>Ponto de partida: ter participado da experiência e ter o registro das experiências.</p> <p>Perguntas iniciais:</p> <ul style="list-style-type: none">- Para que queremos? (definir o objetivo)- Que experiência(s) queremos sistematizar? (delimitar o objeto a ser sistematizado)- Que aspectos centrais dessa experiência nos interessa sistematizar? (definir um eixo de sistematização) <p>Recuperação do processo vivido:</p> <ul style="list-style-type: none">- Reconstruir a história- Ordenar e classificar a informação. <p>Reflexão de fundo: analisar, sintetizar e interpretar criticamente o processo.</p> <p>Pontos de chegada:</p> <ul style="list-style-type: none">- Formular conclusões- Comunicar a aprendizagem	<p>Preparação:</p> <ul style="list-style-type: none">- aproximar os agentes- caracterizar a experiência- definir o foco da sistematização <p>Realização:</p> <ul style="list-style-type: none">- aprofundar alguns conceitos- organizar informações- recuperar o processo- avaliar a prática- sintetizar as reflexões- apresentar conclusões <p>Socialização e realimentação da prática: divulgação da sistematização.</p>	<p>Estação: elaboração do plano de sistematização</p> <p>Locomotiva: identificação do que mobiliza a sistematização, bem como agentes animadores do processo.</p> <p>Trilhos: fundamentação teórica.</p> <p>Vagões: resgate histórico da prática, definição do eixo e foco.</p> <p>Destino/horizonte: reflexão em torno dos aprendizados gerados a partir da experiência sistematizada.</p> <p>Diário de viagem: comunicar a sistematização em forma de produto/s.</p>

Orientações estratégicas comuns

1. Realizar uma ação sensibilizadora junto ao grupo que vivenciou a experiência, de modo que a decisão de sistematizá-la parta da compreensão de sua necessidade e potencialidade, favorecendo a aglutinação do maior número possível de pessoas em torno deste processo.
2. Planejar o processo de sistematização, de modo que se chegue a explicitar e definir: motivações, objetivos, objeto, foco, pessoas e grupos envolvidos, estratégias e ferramentas, datas e prazos, recursos materiais, financeiros e humanos, distribuição de responsabilidades. O planejamento deverá gerar um plano ou projeto de sistematização.
3. Trabalhar a sistematização como um processo contínuo de aprendizagem e produção coletiva de conhecimentos e saberes.

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de Economia Solidária

Ministério do Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

4. Investir na sistematização como um espaço de formação política e pedagógica de todas as pessoas envolvidas.
5. Reconstituir a experiência, de modo a contribuir na explicitação de sua interpretação e reinterpretação, pelas pessoas ou grupos que a vivenciaram.
6. Usar, oportunamente, as ferramentas mais adequadas, que possam contribuir nos vários momentos da sistematização.
7. Passar pela construção e reconstrução de sucessivas narrativas da experiência, cada vez mais aprimoradas coletivamente, até que se chegue à narrativa a ser apresentada como resultante do processo de sistematização.
8. Socializar - amplamente e de forma criativa - o produto final da sistematização, para favorecer o aprimoramento da prática sistematizada e a efetivação de seu potencial multiplicador.

Uso de ferramentas auxiliares à sistematização

Diversas ferramentas podem contribuir no processo de sistematização, potencializando a construção coletiva. Sugere-se que tais ferramentas sejam usadas de acordo com o objetivo específico de cada momento, lançando mão – oportunamente – de uma boa dose de criatividade. Estas mesmas ferramentas podem ser usadas para outras finalidades - diagnósticos, pesquisas, planejamentos, monitoramentos, avaliações.

- Linha do Tempo: pode ser útil para se reconstruir a trajetória da experiência e de seu contexto.
- Mapa de Ideias: é um ótimo instrumento para se projetar as perguntas provocadoras – conforme previsto no método de Oscar Jara – ou na montagem do plano de um processo de sistematização, com respectivos objetivos, objeto, metodologia, cronograma e produto.
- Diário de Campo: é muito útil para recuperar memória sobre anotações-chaves no trabalho observado. O Diário de Campo é adequado para fazer um levantamento documental de uma experiência, analisar os processos e fazer reflexões de fundo.
- Diagrama de Venn: pode ser utilizado para fazer análise do processo de sistematização. Ele gera uma memória visual e ajuda a ressaltar aqueles processos mais importantes.
- Quadros Demonstrativos: são adequados para se tecer análises críticas da experiência vivenciada, de acordo com os aspectos que se queira priorizar: sócio-econômico, socioambiental, produtivo, de comercialização...
- Criação de uma imagem unificadora – ícone ou iconografia: - pode ser uma ferramenta interessante, como acontece no método do “Trem da Sistematização”.

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF

Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de Economia Solidária

Ministério do Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

- Mapa Territorial: pode ajudar a reconstruir o contexto da experiência ou apontar os impactos que dela se esperam num determinado território, a partir da projeção de novos passos ou de seu redirecionamento estratégico.

Produto e comunicação da sistematização

Compreende-se o produto como o resultado final do processo da sistematização. Deve ser previsto desde o início do processo, na fase de planejamento levando-se em consideração a qualidade que se pretende conferir ao produto e o mais importante: que as pessoas participantes do processo se reconheçam no produto final.

Pré-condições

Há pelo menos três pré-condições que são determinantes para se assegurar a boa qualidade do produto final:

1. A definição da finalidade e das/os destinatários/as do processo de sistematização:

- Para que vamos sistematizar?
- A quem se destina o produto de nossa sistematização?
- Qual a contribuição da sistematização para a divulgação da economia solidária?
- Como a sistematização fortalecerá processos formativos internos?
- Como potencializará a incidência em políticas públicas?

Da resposta a estas perguntas dependerá o uso da linguagem a ser preferida e o acesso a uma tecnologia de comunicação que seja considerada mais apropriada: vídeo, cordel, peça de teatro...

2. A sustentabilidade do processo de sistematização: é necessária a previsão de apoios materiais e financeiros, considerando-se as reais possibilidades do grupo que vivenciou a experiência, dos coletivos de educadores-as e/ou de outros parceiros.

3. As condições de pessoal: trata-se da exigência de se constituir um coletivo, composto por representantes do próprio grupo que vivenciou a experiência, bem como por colaboradoras-as – de várias áreas de conhecimento que possam auxiliar na reflexão crítica sobre a experiência.

Um bom caminho

Como colocado acima, um bom caminho para se montar o produto final é passar pela construção e reconstrução de sucessivas narrativas da experiência. Narrativas que vão sendo cada vez mais aprimoradas coletivamente, até que se perceba – por todas as pessoas envolvidas – que se chegou à narrativa conclusiva. Isso poderá ser feito por meio de oficinas de elaboração/reelaboração dessas narrativas. Antes de cada oficina, um pequeno grupo poderá preparar a narrativa que será submetida à discussão do grupo maior. O grupo maior se reunirá para apreciar a narrativa e sugerirá a incorpora-

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

ção de novas contribuições, em vista de uma nova narrativa. E assim por diante. Passando de narrativa em narrativa, serão criadas condições para se elaborar uma narrativa final, na qual as-os envolvidos-as na experiência sistematizada sintam-se contempladas-os.

O que deverá conter o produto final

1. Uma breve descrição da situação inicial: refere-se tanto ao contexto onde a experiência se desenvolveu, quanto às pessoas ou grupos envolvidos.
2. A reconstrução do processo da experiência vivenciada: o resgate de sua trajetória.
3. A reflexão crítica do processo da experiência, abordando várias áreas de conhecimentos e saberes.
4. As principais aprendizagens da experiência sistematizada: as lições apreendidas, que possam ser extraídas dos êxitos ou dos fracassos.
5. As projeções da experiência, que poderão implicar em continuidade, pequenas mudanças ou até em redirecionamentos mais profundos.

Pode ser útil inserir no produto final, sugestões ou uma breve orientação sobre a maneira de se utilizar em oficinas de formação todo o material sistematizado. Esta orientação poderá ser elaborada em formato de “roteiro pedagógico”.

Formato e comunicação do produto

Faz parte integrante do processo de sistematização a comunicação do produto final. O desafio é que seja socializado da forma mais ampla possível, priorizando pessoas e grupos que estejam afinados com os ideais e as práticas de quem vivenciou diretamente a experiência.

Podem ser usados os mais variados formatos de comunicação:

- vídeo
- folder
- manual didático
- almanaque
- revista
- caderno, no formato tradicional ou com “fichas soltas”
- peça teatral
- cartilha
- spots de rádio, com entrevistas e reportagens
- livro
- poema
- cordel
- música
- iconografia, desenhos ou outras formas de comunicação visual: sobretudo para públicos que não acessam ainda a cultura letrada

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

A escolha de um ou outro formato dependerá sempre dos objetivos e do público definidos no planejamento inicial do processo de sistematização.

Concluindo

Os referenciais indicados neste texto, como principal resultado do 2º Módulo do Seminário Nacional sobre Sistematização expressam a intencionalidade de consolidar a caminhada em torno da educação e economia solidária.

Essa consolidação demanda, necessariamente, a unidade na diversidade, como afirmado na apresentação deste texto. Que ambas – a unidade e a diversidade – cresçam cada vez mais, de modo a contribuir efetivamente na concretização e construção de um mundo justo e solidário.

Para saber mais sobre sistematização de experiências

Neste texto, apresentamos referenciais teóricos e políticos importantes para a sistematização de experiências da economia solidária. Para saber mais sobre estes referenciais, sugerimos que acessem a página do CFES Nacional: www.cirandas.net/cfes-nacional/biblioteca-do-cfes

Algumas informações a mais:

Oscar Jara: sociólogo e educador peruano, coordena o Programa Latino-americano de Apoio a Sistematização de Experiências do Conselho de Educação de Adultos da América Latina (Ceaal). Acesse: <http://www.ceaal.org/>

Elza Falkembach: educadora popular e professora da Universidade Regional do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ).

Carta da Terra: <http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/text.html>

[1] Consolidação das conclusões do Seminário Nacional sobre Sistematização – 2º Módulo, realizado pelo Centro de Formação em Economia Solidária, de 25 a 29 de abril de 2011, em Brasília. Texto produzido com a contribuição de Domingos Corcione, consultor para este seminário.

Anexo D – Síntese do I Módulo do Seminário Nacional sobre Sistematização

Verificar arquivo específico, sendo que disponibilizamos o texto feito por João Batista com as contribuições da equipe do CFES Nacional.

Anexos E a I – Apresentações dos CFES Regionais sobre percurso no tema Sistematização

Verificar arquivos específicos.

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF

Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de Economia Solidária

Ministério do Trabalho e Emprego



Verificar arquivo específico.

Anexo K – Texto de Domenico Corcione sobre ferramentas de apoio à sistematização

**APROPRIAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE APOIO
À SISTEMATIZAÇÃO**

- orientações para os GTs –

Abril de 2011 - Domenico Corcione (consultor)

Existem vários instrumentos de apoio que podem auxiliar a ação sistematizadora. Selecionamos alguns, sabendo de sua importância e visando fazer com que contribuam ainda mais para sistematizar experiências, avaliar Projetos, elaborar Relatórios e fazer outros tipos de sistematizações.

Trata-se, em primeiro lugar, de conhecer o significado e o funcionamento de cada um de tais instrumentos. A partir desse prévio conhecimento será possível descobrir também como podem ser utilizados e os cuidados que exigem para seu uso adequado em cada processo de sistematização.

1. A Linha do Tempo

Pode servir para sistematizar os principais passos da evolução de uma experiência, projeto ou instituição. Pode também ajudar a projetar estratégias e ações de um projeto que esteja sendo ainda desenhado.

Como exercício, sugerimos que se utilize o texto de apoio para sistematizar – em seus principais aspectos - a Linha do Tempo da Rede de Educadores/as relacionados/as com a Economia Solidária.

2. O Mapa Mental ou Mapa de Idéias

Pode servir, sobretudo, para reunir, selecionar e ordenar anotações ou idéias a serem inseridas numa narrativa de sistematização, estabelecendo conexões e relações entre elas

Sugerimos que a partir do estudo do texto de apoio, oferecido pela consultoria, seja construído – a título de exercício - o Mapa Mental da aprendizagem proporcionada pelos CFES sobre sistematização de experiências.

3. Os Quadros Demonstrativos ou tabelas

Podem ser utilizados em relatórios, textos, estudos e processos de diagnósticos da realidade, bem como em planejamento, monitoramento, avaliação e sistematização de Projetos.

Sugerimos que o subsídio da consultoria (texto) seja estudado criticamente – sugerindo complementações ou ajustes – e sirva de apoio para se montar Quadros Demonstrativos (Planilhas, Tabelas) para a sistematização de informações e aspectos relevantes da Rede de Educadores/as.

4. As Anotações pessoais

São um suporte indispensável, prévio à ação de sistematização. Sua elaboração, se for bem feita, poderá ser determinante para se conseguir sistematizar um trabalho, evento ou experiência.

Sugerimos que se estude o texto de apoio (Hoffbeck G. e Walter J. – “Como tomar nota rapidamente e bem” – Nobel – 1991), para extrair **orientações** que sejam consideradas oportunas e adequadas à ação sistematizadora das pessoas que estão participando desta Oficina.

5. O Diário de Campo

Trata-se de um importante instrumento de apoio à elaboração e acompanhamento de Projetos ou para processos de sistematização.

Sugerimos que o breve texto da consultoria seja lido, visando complementá-lo e aprimorá-lo, levando em conta experiências que se tenha acumulado.

6. O Mapa Territorial

Os mapas territoriais, com suas várias vertentes e temáticas – mapa de recursos naturais, mapa social, mapa da comunidade, mapa da propriedade, mapa de fluxos econômicos, mapa de migrações... são ferramentas recomendadas sobretudo na fase da visão diagnóstica de um projeto. Contudo, podem ser utilizadas – tomando-se alguns cuidados - também para fazer projeções. As duas etapas – a reconstituição do contexto e a projeção estratégica - são fundamentais na sistematização de uma experiência.

Sugerimos que o texto de apoio – extraído do Guia Prático de Diagnóstico Rápido Participativo, DRP, publicado pelo MDA em 2006, cf. o ponto 6.3, pp. 30-36 – seja estudado de modo a considerar a seguinte questão: Como tais ferramentas podem servir para a sistematização de uma experiência, tanto no sentido de contribuir no resgate de sua dimensão contextual quanto na projeção de novas estratégias? Quais cuidados se fazem necessários? O que temos a sugerir?

MAPAS MENTAIS

Domenico Corcione (consultor)

O MAPA DE IDÉIAS ou, como é mais conhecido, MAPA MENTAL, é uma preciosa ferramenta de aprendizagem e de transmissão ordenada de conhecimentos, por favorecer a sistematização e visualização das conexões e inter-relações entre idéias e conceitos. Nesse texto usaremos as duas nomenclaturas, para que se torne natural utilizá-las com o mesmo significado.

O criador do Mapa Mental foi o inglês Tony Buzan, que pesquisou as anotações de vários gênios, entre os quais Leonardo da Vinci e descobriu que nenhum deles fazia anotações lineares. Nossa mente não trabalha de forma linear; ela funciona em formato “radiante”, pois dispara informações para todos os lados. É por isso que o Mapa Mental se chama assim.

I. PARA QUE SERVE O MAPA MENTAL?

O Mapa Mental é muito útil para se fazer sistematizações mais rápidas, durante ou depois de uma discussão, possibilitando uma boa apropriação dos principais aspectos abordados. Após sua

Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

elaboração poderá ser transcrito ou impresso sem nenhuma alteração ou transformado em texto mais explicativo e detalhado.

Podemos construir Mapas Mentais para outras finalidades, tanto individuais como coletivas:

- Para anotar aulas.
- Para resumir livros e informações mais complexas.
- Para ilustrar um plano de trabalho.
- Para construir a agenda pessoal.
- Para preparar uma palestra.
- Para estruturar nossas idéias antes de uma reunião.
- Para organizar os resultados de um debate em plenária, durante a própria discussão.
- Para montar um projeto de sistematização de experiências.

Tentaremos, a seguir, explicitar as principais características de um Mapa Mental e descrever como pode ser construído e utilizado.

II. AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DE UM MAPA DE IDÉIAS

Em geral busca-se construir Mapas Mentais com pouco texto, muitas imagens e cores, seguindo a lógica de causa-efeito, focalizando e visualizando idéias centrais, mas favorecendo – ao mesmo tempo - a compreensão e localização de aspectos secundários relacionados com os principais.

Em muitas ocasiões não se dispõe de suficiente tempo e de instrumentos de apoio (pincéis coloridos, quadro branco grande...). Além disso, acontece com frequência que a urgência da cobrança desse instrumento - no decorrer de um encontro ou oficina - acaba impondo a utilização de muitas palavras, poucas imagens e apenas 01 cor.

Mesmo reconhecendo esses limites, o mais importante é se assegurar o principal requisito de um MAPA:

A capacidade de focar e visualizar idéias centrais,
suas conexões internas e com aspectos secundários,
não só a partir da lógica de causa-efeito,
mas também de outras categorias de análise e compreensão conceitual.

Referimo-nos à visão de rede,
às relações de interdependência,
à categoria da transversalidade,
aos métodos de indução e dedução
e a outras ferramentas de análise.

III. COMO CONSTRUIR UM MAPA MENTAL

Para a construção de um bom MAPA DE IDÉIAS é necessário seguir algumas orientações, por quanto simples possam parecer:

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

1. Escrever do centro para fora e em todas as direções.

Escrever as informações a partir do centro de uma folha de papel ou de um quadro branco, e deste ponto proceder em todas as direções, fazendo conexões.

2. Usar, na medida do possível, apenas palavras-chaves

Escrever o que é realmente mais importante. A escolha delas deve ser bem pensada, pois deverão poder resumir questões bem mais abrangentes do que uma simples palavra possa normalmente conseguir expressar.

3. Usar imagens e símbolos

Sabemos que as imagens valem mais do que muitas palavras, pois cada imagem favorece maior compreensão, ilustrando melhor as idéias...

Não é preciso ser bom desenhista ou pintor; basta rabiscar ou inventar a imagem que a idéia possa suscitar... Poderá ser uma garrafa, uma bola, um sol, círculos concêntricos, uma casa, uma seta, uma interrogação...

4. Escrever de forma bem legível

Não estamos escrevendo apenas para nós mesmos, mas para sermos compreendidos por outros. É bom sempre se lembrar disso.

Esse lembrete implicará em muitos cuidados, inclusive naqueles relacionados com a escolha do tamanho da letra, da “arte gráfica final”, assim como de mil outros aspectos.

5. Fazer todas as conexões

Cuidado para não deixar nada isolado. Estabelecer sempre relações. Podem ser relações de causalidade ou de agregação, de interdependência, de transversalidade, de rede... Às vezes não sabemos bem com quais relações estamos lidando, mas ao escrever as coisas vão ficar mais claras. Se for preciso, se apaga o que se escreveu no começo e se recomeça de novo... O pensamento da gente não é linear: ele avança, recua, faz saltos, depois vai de lado...

6. Usar cores, de modo que apareçam as diferenças entre as palavras

As palavras não assumem sempre o mesmo peso e significado. As cores e o tamanho das letras podem ajudar a fazer essas diferenças. Um Mapa colorido será certamente mais fácil de ser interpretado.

IV. PARA PESQUISAR E APROFUNDAR:

Sugerimos, para estudo e aprofundamento, um site e um livro:

O site: www.mapasmentais.com.br

O livro: G. OFFBECK e J. WALTER: Como tomar nota rapidamente e bem – Nobel, São Paulo 1973.

Observação: o livro que sugerimos vai além de ensinar apenas a tomar nota, pois favorece a aprendizagem do Mapa Mental e de outros métodos de sistematização dos conhecimentos.

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional

Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira



QUADROS DEMONSTRATIVOS

- Domenico Corcione -

1. Definição

São planilhas ou tabelas utilizadas como instrumentos para registro de informações diversas, contribuindo no apoio à sistematização de conhecimentos e experiências.

2. Tipos

Existem dois tipos de tabelas ou quadros demonstrativos:

- Tabelas de 01 entrada: evidenciam informações. A entrada pode ser horizontal (em linhas) ou vertical (em colunas). São as mais simples de serem construídas.
- Tabelas de 02 entradas: favorecem o cruzamento de informações. Apresentam uma entrada vertical e outra horizontal. São mais complexas e exigem maiores cuidados em sua formatação.

3. Vantagens de seu uso

As planilhas ou tabelas oferecem muitas vantagens. Destacaremos algumas:

- Ajudam a colher dados de forma concentrada e sintética, evitando longas descrições: condensam textos.
- Facilitam a interrelação e análise de dados, em várias dimensões: cronológica, econômica, política...
- Favorecem o confronto de informações.
- Propiciam a classificação e sistematização de dados.
- Auxiliam no processo pedagógico de aprendizagem.
- Contribuem na construção de sínteses.
- Facilitam a visualização de informações.
- Facilitam uma maior agilização na localização e uso de informações coletadas.

4. Limites

Apesar das vantagens, as tabelas podem ter limites, decorrentes de sua construção ou do uso incorreto das informações que oferecem. Ressaltaremos dois limites:

- Não isentam da necessidade de se fazer uma análise qualitativa e mais completa dos dados coletados.
- Se não forem bem utilizadas, podem fazer correr o risco de fragmentação e do uso departamentalizado das informações.

5. Orientações para o processo de construção e formatação das tabelas:

A construção de planilhas e tabelas é uma arte que se aprende aos poucos. Vale a pena explicitar algumas recomendações básicas que devem ser levadas em conta na hora de construí-las:

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

- O título deve permitir ao leitor que compreenda rapidamente o foco dos conteúdos do quadro.
- Notas de rodapé devem ser utilizadas para explicações relevantes, que favoreçam a compreensão das informações visualizadas.
- Para se evitar o risco de fragmentação dos dados, como dizíamos acima, se aconselha que as tabelas sejam sempre acompanhadas por uma breve leitura interpretativa, que contribua na análise integrada dos dados que aparecem nas colunas e linhas.

LINHA DO TEMPO ¹

Domenico Corcione (consultor)

A LINHA DO TEMPO (LT) é um instrumento didático que pode ser utilizado no estudo da História, para favorecer a visualização da sucessão de fatos e processos históricos que se queira focalizar, assim como de sua extensão no tempo e, sobretudo, de sua concomitância com outros fatos e processos que façam parte do contexto.

Este método pode ajudar muito no registro, análise, compreensão mais ampla e sistematização de qualquer tipo de experiência ou processo que se queira reconstruir.

A seguir vamos tratar da criação e uso da Linha do Tempo em função da reconstituição histórica do Movimento Sindical – MS - Brasileiro, com foco na luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Na última parte do texto ressaltaremos orientações que sirvam na utilização da LT para a sistematização de outras experiências.

1. COMO SE PODE CONSTRUIR UMA LINHA DO TEMPO DO MS

Pode-se utilizar uma longa faixa de papel, dividida horizontalmente em anos, décadas e séculos. Para que esta divisão ajude efetivamente a compreender as mudanças na caminhada do Movimento Sindical ao longo do tempo que está sendo estudado, será necessário:

- Estabelecer previamente uma periodização. No estudo da História Geral, na Escola formal, aprendemos a distinguir vários períodos: Idade Média, História Moderna, História Contemporânea... Da mesma forma, costumamos identificar períodos em nossa história pessoal: “Até 18 anos eu morava na roça; depois fui obrigado a viver na cidade grande”. Assim é possível, também, criar períodos para a história do MSTTR. Esta periodização dependerá da compreensão que vier a ser amadurecida acerca da trajetória do Movimento e de sua relação com o contexto social mais amplo.
- Manter uma escala fixa; isso quer dizer que a um certo período de tempo (uma década, por exemplo), deverá corresponder – visualmente – sempre um mesmo espaço no papel.

Verticalmente a faixa será subdividida em faixas menores ou “linhas”, que possam explicitar as diversas dimensões ou níveis da realidade social que se queira evidenciar e analisar, tendo-se o cuidado de se eleger uma delas como foco, sempre articulada com as demais faixas. Afinal:

- Uma das pequenas faixas será estudada enquanto “**TEXTO**”.
- As demais faixas assumirão a função de “**CONTEXTO**”, com suas respectivas temáticas.

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

A depender do número de temas ou aspectos que se pretenda aprofundar, poderá se aumentar o número de faixas.

2. VARIAÇÕES NA CONSTRUÇÃO E USO DA LINHA DO TEMPO DO MS

As variações no formato e na modalidade de utilização da LINHA DO TEMPO (LT) não devem depender do mero desejo de se fazer algo sempre diferente, mas da exigência pedagógica de se adequar o instrumento didático a diversos fatores:

- Ao processo que se pretende analisar.
- Aos objetivos (gerais e específicos) de cada experiência formativa que se deseja reconstituir.
- Ao perfil específico de destinatários e destinatárias (com sua cultura, linguagem, idade, grau de instrução, militância, etc.).

No lugar da faixa de papel e das linhas que acima sugerimos, pode-se desenhar um rio, com seu leito irregular, feito de altos e baixos, de trechos mais caudalosos e de outros mais transparentes e calmos...

Outra alternativa poderá ser o desenho de montanhas e planícies, simbolizando os momentos mais conflituosos ou tranquilos da história que se vai contar. Outra opção ainda: o trem, com seus trilhos, parando em várias estações...

Afinal, a criatividade sugerirá as mais variadas formas e símbolos, que melhor possam se adaptar à retrospectiva histórica que estejamos montando.

A seguir explicitaremos duas modalidades diferentes de utilização da LT. Elas podem levar a outras, dependendo – mais uma vez - da criatividade de cada educador e educadora.

1ª : Exposição comentada, seguida de debate

Este método funciona melhor com grupos que não tenham elevado grau de informação sobre o assunto. Bastará preparar, anteriormente, uma LT em tamanho grande, com os fatos e processos mais significativos já registrados.

Em seguida será preciso fazer os preparativos para uma exposição de cada período (por exemplo: de 1848 até 1900; de 1900 até 1930; etc.), suscitando um debate, que oportunizará aprimoramentos e conclusões.

Para o bom êxito deste método, será conveniente afixar a LT numa parede bem comprida; dessa forma, os participantes terão uma visão abrangente da LT e será mais fácil, nos debates, relacionar um período a outro, até chegar a uma visão gradativamente mais ampla.

Durante a exposição será importante valorizar ao máximo os conhecimentos que os participantes tenham sobre este ou aquele acontecimento. Por isso será preferível uma exposição dialogada. As novas contribuições dos participantes serão incorporadas na LT afixada na parede.

2ª: Construção Coletiva da LT

Este método funcionará, sobretudo, junto a grupos que tenham um bom grau de informação sobre o assunto. Nem sempre será possível a construção de toda a LT; mas, se for possível construir coletivamente pelo menos alguns períodos da mesma, isto irá se constituir numa rica experiência educativa, tanto para educadores e educadoras, como para todos os participantes.

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

Nesse caso, o preenchimento anterior da LT em tamanho grande, conforme dizíamos acima, só será feito para aqueles períodos ou aspectos que não se queira construir coletivamente. Poderia - por exemplo - se apresentar já preenchidos o Contexto Internacional e o Contexto Nacional; em seguida os participantes seriam convidados a preencher - em grupos - um outro aspecto, isto é, as Principais Lutas e Organizações da Classe Trabalhadora. O inverso também seria viável: preencher previamente a faixa sobre as Principais Lutas e, em seguida, solicitar dos grupos o preenchimento dos Contextos.

Para assegurar uma boa construção coletiva de alguns períodos ou aspectos, bastará dividir o grupo em várias equipes. Cada equipe será encarregada de construir uma parte da LT, podendo utilizar textos, documentos ou outros subsídios relativos aos períodos ou aspectos a serem estudados. Dessa forma, será mais fácil que uma equipe dê sua contribuição. Outro subsídio poderia ser o uso de uma “LT em miniatura” - num papel ofício, com seus espaços vazios. As pessoas de cada equipe usariam esta miniatura para rascunho, durante seus trabalhos.

Na medida em que vão reunindo os dados, as próprias equipes poderão escrever numa “LT vazia” afixada na parede. Uma vez que todos os grupos tiverem preenchido a LT “vazia”, poderá ser feita uma leitura coletiva de toda a LT e ser implementado um debate que contribua para seu aprimoramento. No final seria feita a síntese das principais contribuições.

O estudo da LT não deve necessariamente começar pela primeira ou pela segunda faixa (= contexto internacional - contexto nacional); pelo contrário, é mais pedagógico começar com a terceira faixa (= Fatos e Lutas da Classe Trabalhadora), em cada período: nessa faixa o principal desafio será o de caracterizar bem os atores sociais, os protagonistas de todo o processo histórico que se pretenda reconstruir. Afinal, os três aspectos não devem ser considerados ou tratados em pé de igualdade: os primeiros dois estão a serviço do terceiro, pois buscam contextualizar os fatos e as lutas da classe trabalhadora. Neste sentido, é conveniente que se tenha também o cuidado de selecionar bem os fatos e processos que possam de fato ajudar a contextualizar bem a terceira faixa, evitando-se o risco de um amontoado de informações e de um debate que acabe ocupando mais tempo na contextualização do que na reflexão sobre a faixa principal (=o texto)..

Da mesma forma, não se deve necessariamente começar pelo primeiro período (1848-1900). Algumas experiências revelam que iniciar pelo período mais recente (por exemplo: de 1996 até 2010), faz com que os participantes se descubram mais facilmente enquanto FAZEDORES DA HISTÓRIA e se sintam mais motivados para estudar o passado a partir das interrogações que o momento atual levanta. Partir de HOJE, ir ao PASSADO, voltar novamente ao HOJE, parece o método mais educativo, capaz de contribuir para a superação de certas periodizações mecanicistas e anti-dialéticas...

3. ORIENTAÇÕES PARA OS DEBATES SOBRE A LT DO MS

Tanto na primeira modalidade como noutra, os debates assumirão uma particular importância pedagógica. Por isso apresentaremos algumas orientações:

- Ajudar a identificar a feição da classe trabalhadora e como a mesma foi sofrendo mudanças no decorrer da história: mudanças na composição, nas formas de organização e luta, na correlação de forças com as classes dominantes.

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

- Favorecer uma melhor compreensão da relação entre o passado e o presente: estimular a leitura das lutas e das contradições do movimento atual, à luz do passado; ao estudar o passado, ajudar a identificar sua relação com o presente: os vestígios que permanecem até hoje e as lições que possam ser extraídas para os desafios atuais.
- Problematicar as grandes mudanças que cada período encerra, ajudando a compreender a ligação entre fatos e processos: entre um fato e outro, um período e outro, uma concepção e outra...
- Contribuir na educação para a paciência histórica: a história é mais comprida que nossa vida; somos, ao mesmo tempo, herdeiros e continuadores desse processo...

Caberá aos educadores e educadoras a condução dos debates de forma tal que o grupo possa refletir, aprofundar e adquirir uma visão crítica da história passada e atual. Para isso lembramos que:

- Não basta uma leitura horizontal da LT, isto é, de cada ano, década ou período em que ela foi subdividida.
- É preciso fazer também uma leitura vertical ou transversal, relacionando os fatos de uma faixa com os fatos das demais faixas. Por exemplo, é preciso relacionar a fundação do PC no Brasil com a Revolução Russa, no contexto internacional; relacionar o Estado Novo com o nazi-fascismo na Europa...

Dessa forma ficará claro que a distinção entre períodos e faixas é apenas didática. Será mais fácil, também, ajudar a perceber que:

- Um período pode ser compreendido melhor à luz do anterior.
- O “contexto” oferece explicações importantes para uma leitura mais adequada do “texto”. Afinal, a relação entre “texto” e “contexto” deve ser permanente.
- Uma leitura verdadeiramente dialética tenta relacionar todas as dimensões da realidade: “tudo se relaciona”.

4. O USO DA LT E NA SISTEMATIZAÇÃO DE OUTRAS EXPERIÊNCIAS

Mesmo reconhecendo as peculiaridades da reconstrução da história do MS, como sintetizamos acima, vários aspectos desta exemplificação podem servir de orientações para a sistematização de outras experiências ou práticas, por meio da LT. Ressaltaremos alguns:

- A importância de se estabelecer uma periodização, que contribua para que se tenha uma compreensão clara e comum – para o grupo que vivenciou a experiência e busca sistematizá-la – em relação às principais mudanças pelas quais a experiência tenha passado.
- A necessidade de se discernir “texto e contexto”, bem como suas interrelações, selecionando – no contexto – os aspectos que realmente possam interessar para a compreensão do “texto”. Será preciso, também, o cuidado para que não se perca o foco da experiência, isto é, o eixo temático que se pretende focalizar e desenvolver.
- A indispensável capacidade de se relacionar os fatos com os processos, o “ontem” com o “hoje” da experiência, refletindo criticamente sobre a mesma, extraindo lições e projetando novas extratécnicas.

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

- A conveniência de se lançar mão de ferramentas que sejam consideradas mais adequadas às possibilidades e ao imaginário do grupo que sistematiza sua própria experiência: o desenho linear de uma cronologia; o trem; as montanhas; o rio...
- A arte da pedagogia da construção coletiva da LT, para que o grupo se reaproprie criticamente da experiência que tenha vivenciado, redescubra sua identidade e reprojete seu futuro, gerando – dessa forma – novos conhecimentos e saberes.

ALGUMAS ORIENTAÇÕES PARA O DIÁRIO DE CAMPO

- Domenico Corcione (consultor) -

O Diário de Campo é um importante instrumento de registro do trabalho do educador/a; pode servir de apoio ao monitoramento, avaliação e sistematização de experiências ou projetos.

É utilizado principalmente nos processos de investigação da realidade.

De todas as ferramentas investigativas, talvez esta seja a mais pessoal e personalizada. Isso significa que ela não se limita a perseguir o mero “retrato” da realidade; o Diário de Campo busca assegurar o registro desta realidade a partir da ótica de quem a está vivenciando, observando e interpretando. Este prisma - de quem anota e analisa seu entorno - é um aspecto constitutivo do Diário de Campo, que assume – afinal – uma dimensão objetiva e subjetiva, ao mesmo tempo: duas dimensões fundamentais na sistematização de uma experiência, pois não interessa apenas a reconstituição do que aconteceu, mas a explicitação de como os sujeitos sociais - que a vivenciaram - se apropriam dela e a reinterpretem.

Tentaremos, a seguir, resumir os principais aspectos que um Diário de Campo deveria considerar e registrar:

1. **Informações gerais.** É conveniente anotar, logo no início da página, alguns dados gerais: data, lugar onde se realiza a observação e a hora do acontecimento.
2. **Cuidados com a descrição.** Trata-se de tentar fazer uma descrição do que se observou e não apenas do que aconteceu. Anotar, na medida do possível, tudo o que se considerar conveniente para se compreender o que se passou: ambiente físico e sócio-econômico; aspectos relativos ao perfil das pessoas envolvidas: linguagem utilizada, forma de se vestir, idade...
3. **Explicitação de interpretações.** Buscar explicitar interpretações críticas do que se observou, dos fatos ou das ações, identificando interrelações, causas, evolução e possíveis consequências...
4. **Dúvidas e perguntas.** Anotar também dúvidas e perguntas para esclarecimentos ou eventuais descobertas que ainda possam ser feitas ao se refletir sobre o assunto.
5. **Observações finais:**
 - Não deixar as anotações nunca para depois.
 - Não usar o Diário de Campo para outras anotações pessoais.

Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

- o Num processo de acompanhamento a uma comunidade, não será necessário, toda vez, anotar tudo o que se listou acima. Nas primeiras vezes será conveniente anotar mais coisas; depois bastará acrescentar eventuais novos aspectos...

Nota Bibliográfica

Corcione, Domenico - “ONGs: Repensando sua prática de gestão” – Planejamento, Monitoramento, Avaliação e Sistematização – p. 11-67 – ABONG – São Paulo, 2007.

Anexo L – Diagnóstico Rápido Participativo - Guia Prático

Livro publicado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário. Durante o Seminário o texto das páginas 30 a 36 foi utilizado como subsídio.

Verificar arquivo específico.

Anexo M – Conceitos de sistematização: subsídio para trabalho em grupo

Conceito CFES Sudeste

Refletir sobre a nossa prática com o objetivo de coletar os aprendizados, os desafios, os entraves, as tensões e contradições, sinalizando os caminhos para avançarmos na transformação social.

Conceito CFES Nordeste

É um processo de reflexão crítica sobre a prática vivenciada pelos sujeitos coletivos populares com fins de produção de conhecimentos para realimentar a prática social.

Conceito 2º Curso Nacional de Formação de Formadores do CFES – 1º Módulo

A sistematização é um processo de reflexão que parte da necessidade das experiências de se reapropriarem de sua prática com o objetivo de transformação qualitativa dessa prática e socialização da experiência vivenciada

Do ponto de vista de nossos interesses educativos/gestionários, a sistematização:

- é realizada com a participação e controle dos sujeitos implicados na experiência, utilizando os diferentes e diversos registros de seu percurso;
- pode contar com a possibilidade de apoio de atores externos que com seu saberes acumulados em outros espaços que possam contribuir na construção dos conhecimentos necessários para o desenvolvimento da sistematização
- pretende como resultado produzir uma análise contextualizada que expresse um consenso sobre o percurso vivenciado, que possa ser socializada através de um produto que utilize de diversas linguagens (vídeo, livro, etc).

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Secretaria Nacional de Economia Solidária

Ministério do Trabalho e Emprego



Centro Nacional de Formação em Economia Solidária

CFES Nacional



Convênio M.T.E/SENAES Nº 700686/2008 – Cáritas Brasileira

Anexo N – Mapa de ideias sobre Motivações, referenciais e objetos da sistematização em economia solidária

Verificar arquivo específico.

Anexo O – Texto Orientações para a construção da Rede de Educadores-as em Economia Solidária – NE

Verificar arquivo específico.

Centro de Formação Nacional em Economia Solidária

SDS - Ed. Venâncio III - Sl 410 - CEP 70393-902 - Brasília/DF
Tel: 55 61 3214 5400 - Fax: 55 61 3214 5404

Email: cfes@caritas.org.br

www.cirandas.net/cfes-nacional



Fórum Brasileiro
de Economia Solidária



CÁRITAS
BRASILEIRA

Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAIS RICO E PAIS SEM POBREZA